

Educação a distância

28 JUL 1995

Eurides Brito da Silva

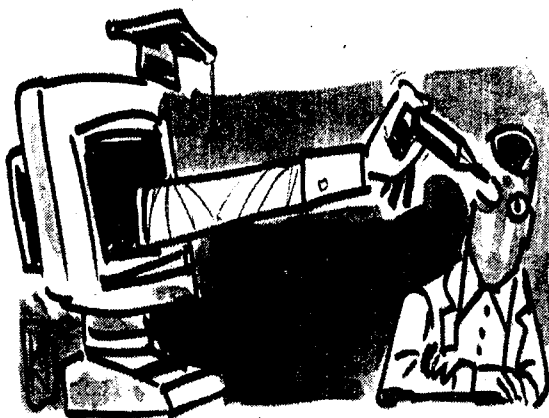
CORREIO BRASILENSE

Retorno da Inglaterra, onde participei da 17ª Conferência Mundial para Educação a Distância, organizada pela *Open University* e realizada na bela cidade de Birmingham.

Confirmou-se, ali, o quadro que vem se delineando já há alguns anos nos meios educacionais; a educação a distância, como solução para a universalização da educação e para os programas de educação continuada.

Experiência as mais diversas foram apresentadas por diferentes países com diversificados estágios de desenvolvimento. Entre mais de mil experiências e projetos à disposição dos participantes, vi a Nigéria expor como vem treinando seus professores, sem tirá-los de seus locais de trabalho; a Tailândia mostrar o que vem fazendo para preparar jovens trabalhadores sem qualificação profissional; a Noruega dizer como é possível exercer controle externo e interno para assegurar a qualidade do ensino; a Dinamarca contar como educa seus habitantes nas remotas áreas árticas. E muitas outras apresentações, igualmente importantes.

A Inglaterra, como hospedeira, se esmerou em ajudar os congressistas a terem uma visão completa do estágio em que se encontra no campo da educação a distância, ela que é pioneira no uso dessa metodologia. Começou, brindando-nos com uma agradável surpresa: a fala da princesa Anne, abrindo a conferência e falando, de improviso, sobre a importância do tema do encontro para o mundo de hoje. A objetividade e a propriedade dos conceitos emitidos pela princesa impressionaram a todos os participantes. Depois, especialistas mostrando-nos como o mundo empresarial está se valendo, hoje, de metodologia a distância para treinar pessoal,



atualizar seu *staff*, treinar clientes para utilizarem corretamente seus novos lançamentos etc.

A mim, especialmente, impressionou-me o projeto da *Open University* da Inglaterra, mostrando como vem formando profissionais no campo das ciências para atividades como magistério e pesquisa, de forma a levá-los não apenas a ler livros sobre ciência mas a fazer ciência. Quem dera, que nossos estudantes aqui, em cursos presenciais, pudessem ler e fazer ciência como aqueles estudantes ingleses.

A educação a distância é, hoje, uma metodologia usada em todo o mundo. Das formas mais simples às mais sofisticadas. O CD Rom, por exemplo, já é material obrigatório em países como Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Japão.

A América Latina, pelas poucas experiências relatadas no Congresso e pelo que conhecemos do que vem acontecendo entre nós, ainda dá, timidamente, seus primeiros passos no uso de metodologia de ensino a distância. E por quê?

Não quero falar de outros países, mas, sim, do caso brasileiro. Certa feita, no Canadá, um professor universitário disse-me que o nosso problema é que os sucessivos governos não querem educar o povo. Contrapus-me à sua tese. Hoje, recordando

algumas de suas colocações, vejo que ele tinha razão, em parte.

Em nosso meio, precisamos corrigir alguns equívocos. Em debates sobre o tema, ainda se ouvem heresias tais como: o ensino a distância não pode oferecer a mesma qualidade de um ensino presencial; é impossível atualizar profissionais sem retirá-los de seu local de trabalho; o ensino a distância não serve para graduar profissionais, porque essa tarefa é muito complexa. Por isso,

é preferível usá-lo, apenas, em projetos de informação ou atualização.

Por essas razões e outras é que o Brasil está tão atrasado nesse campo. Se abrimos os olhos para o que vem acontecendo no mundo, veremos que, ao contrário do que aqui ocorre, nas localidades aonde a escola presencial não pode chegar ou se atualizar, são estimulados programas de educação a distância. Quando o aluno não pode permanecer na escola, é-lhe oferecida a alternativa de a escola permanecer nele, sob a forma de ensino personalizado a distância.

Se o Brasil deseje, realmente, educar o seu povo (espero que o professor canadense não tenha razão), deve definir urgentemente, em sua política de educação o papel reservado à educação a distância, sem preconceitos. O que existe hoje, entre nós, é fruto de trabalho isolado de instituições educacionais públicas e privadas ou de empresas que, apesar da desconfiança dos órgãos governamentais, resolveram aceitar o desafio. Mas é muito pouco para um país com dimensões territoriais e problemas educacionais da magnitude do nosso Brasil.

Eurides Brito da Silva, ex-secretária de Educação do DF, é vice-presidente do Conselho Mundial de Educação Comparada